

Uma revista que se reorganiza para durar

Toda revista científica carrega uma promessa implícita: a de que aquilo que ela publica continuará acessível, verificável e atribuível a alguém. É uma promessa modesta quando tudo funciona, e muito difícil de honrar quando algo se perde pelo caminho.

Este volume reabre a edição inaugural da *Interapia* em condições distintas daquelas em que foi originalmente organizada. Ao assumir a direção editorial, encontramos um acervo de valor real — dezenas de trabalhos de terapeutas e psicanalistas brasileiros, muitos deles em início de carreira — guardado em condições que não faziam justiça ao esforço de quem os escreveu. Faltavam registros de autoria, faltavam arquivos para download, faltava norma única, faltava um padrão gráfico que permitisse ler o conjunto como obra de um mesmo periódico.

A decisão que tomamos foi reconstruir em vez de dissimular. Cada artigo está sendo recuperado em seu texto integral, com autoria confirmada no documento original, revisado segundo normas que agora existem por escrito e re-diagramado no padrão que o leitor tem em mãos. Onde a informação se perdeu de modo irrecuperável — como nas datas de tramitação editorial deste e dos dois volumes seguintes — optamos por declarar a lacuna. Preferimos uma revista que admite o que não sabe a uma que preenche espaços vazios com aproximações convenientes.

Essa escolha tem custo. Um periódico que exhibe notas de transição parece, à primeira vista, menos sólido que outro de aparência impecável. Mas a solidez de um registro científico não está na ausência de falhas; está na capacidade de nomeá-las e de impedir que se repitam. É por isso que publicamos, junto com este volume, uma Política Editorial que fixa periodicidade, extensão, autoria, licença, taxas e critérios de verificação de citações — e que vale igualmente para quem dirige a revista e para quem submete a ela.

Quanto ao conteúdo, este primeiro número não se organiza em torno de um tema único, e nisso é fiel ao que a revista de fato recebe. O que os oito trabalhos partilham é uma pergunta sobre alcance: até onde a psicanálise chega,

e com que direito. Dois a examinam por dentro — um confronta quatro conceitos freudianos com o que a pesquisa empírica encontrou a respeito dos fenômenos que eles pretendem descrever; outro reconstitui o deslocamento que Freud impõe ao sujeito da filosofia moderna. Dois a levam ao que a clínica tem de mais difícil: a transferência na psicose, onde a técnica herdada da neurose não se aplica, e a elaboração da perda. Dois a colocam em contato com campos que não são seus — a escola, onde a matrícula da criança autista não basta para que haja inclusão, e o tratamento da depressão, em que o exercício físico aparece como coadjuvante e não como alternativa. E dois se voltam para o que a psique faz com a herança e com a imagem: a relação entre o inconsciente coletivo junguiano e a constelação familiar, e a sombra que retorna no espelho das redes.

São textos desiguais em maturidade, como é próprio de uma revista que acolhe autores em formação. Trabalhamos para que cada um deles chegue ao leitor na melhor versão possível de si mesmo, sem que isso significasse substituir a voz de quem escreveu. Revisão editorial é serviço ao autor, não apropriação de seu texto.

A *Interapia* existe para dar lugar de publicação a uma comunidade que raramente o encontra. Terapeutas e psicanalistas fora dos grandes centros de pós-graduação produzem pensamento clínico de qualidade e quase sempre sem onde publicá-lo. Atender a essa demanda com rigor — e não apenas com boa vontade — é a tarefa que assumimos.

Este volume marca o início de um trabalho que se estenderá por todo o acervo. Agradecemos aos autores pela paciência com um processo que chegou anos depois do que deveria, e aos leitores pela confiança em um periódico que escolheu se refazer em público.

Ricardo Silveira

Direção editorial

Solange Farias

Revisão institucional